



## **Realidade Comunitária: diferenças nos discursos da mídia tradicional e do jornalismo comunitário em Artur Nogueira<sup>1</sup>**

Guilherme Cavalcante SILVA<sup>2</sup>

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

### **Resumo**

Em um universo midiático regido pela lógica do consumo, pelo imediatismo e pela comercialização da notícia, o jornalismo realizado pelas comunidades se apresenta como alternativa, visando o levantamento de questões e debates sociais relevantes para o nível local e a consolidação da cidadania na comunicação. É neste sentido que o artigo elabora um paralelo entre os discursos midiáticos realizados pelos principais sites de notícias online do município de Artur Nogueira, no interior de São Paulo, e os do jornal comunitário do bairro Jardim Carolina, na mesma cidade, com relação aos problemas sociais enfrentados pela comunidade. A discussão é complementada com os referenciais teóricos de sociólogos e comunicadores como Muniz Sodré, Márcia Franz Amaral, Felipe Pena e Peter Berger.

**Palavras-chave:** comunicação e cidadania; comunidade; jornalismo comunitário; representações sociais.

### **Introdução**

Localizado na periferia do município de Artur Nogueira, no interior paulista, o bairro Jardim Carolina é conhecido por sua participação na esfera pública, através da associação de moradores do bairro, a hospitalidade dos habitantes e pelo caráter popular do local. Na mídia municipal, entretanto, as questões sociais mais urgentes são tratadas de maneira supérflua ou rasa, com o destaque ficando para as ações governistas na localidade. No imaginário criado, os moradores são “vítimas impotentes” da realidade histórica de um espaço físico, “salvos” pelo poder público.

Nesta área, a presente pesquisa objetiva por colocar em comparativo os discursos midiáticos feitos pela imprensa nogueirense com a realidade do bairro apresentada pelos próprios moradores através da produção do Jornal Jardim Carolina, impresso comunitário mensal com 16 páginas e distribuição de mil exemplares em toda a cidade. Os objetos de estudo do ensaio, além do jornal comunitário, foram os noticiários online Nogueirense e CBA Notícias - subsidiado pela Rádio Cabocla. A análise contou com a abrangência do acervo de matérias e reportagens publicadas nos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante do 3º ano do curso de Jornalismo no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho/SP. Editor do projeto comunitário Jornal Jardim Carolina desde julho de 2012. E-mail: [guilherme.ocarioca@hotmail.com](mailto:guilherme.ocarioca@hotmail.com).



veículos durante junho/julho de 2012 referentes a problemas sociais do Jardim Carolina e das localidades no entorno do bairro, como o Parque Itamaraty e o Laranjeiras. A primeira edição do impresso feito pela comunidade carolinense, lançada em junho do mesmo ano, também foi utilizada.

A análise identifica as diferenças de abordagem entre os conteúdos publicados pelo jornal comunitário e pela mídia convencional da cidade acerca dos problemas sociais da região nos aspectos de aprofundamento dos temas, construção de alternativas e contribuição para a melhora da realidade social. O trabalho visa também encontrar as razões para a distância dos discursos do tradicionalismo midiático equiparado ao jornalismo de resistência feito pelos moradores do Jardim Carolina.

A colonização midiática feita pelos barões da política e da economia (PENA, 2008) atinge, em especial, as cidades menores e trabalha pelo conformismo e manutenção da hegemonia comercial e capitalista. Como colocado por Sodré (1992, p. 43), “os meios de comunicação, controlados pelo estamento dominante [...] visam a assegurar o aumento da mais-valia decisória”. A preocupação comercial, e política, faz com que a mídia deixe de lado o aprofundamento dos problemas sociais. Tal fato é exposto pela produção democrática feita pela mídia comunitária.

Com o período de crise financeira e de conteúdo na imprensa tradicional, especialmente entre os veículos impressos, não são poucas as reflexões feitas por comunicadores e analistas de mídia sobre o futuro da produção jornalística. Este artigo apresenta o jornalismo comunitário como uma alternativa ao atual cenário. O projeto surgido no Jardim Carolina, que existe desde maio de 2012, é um exemplo de cidadania e um diagnóstico das falhas da mídia local sobre suas produções. Afinal, “na comunidade a comunicação se efetiva” (NANCY, 2000 apud MEDEIROS, 2012, p. 12).

### **Representações sociais da comunidade**

Sede do projeto comunitário, o bairro Jardim Carolina surgiu em 1996. Na época, mesmo sem acesso à água potável, energia elétrica e asfalto, o local já estava organizado em uma associação de moradores. Logo nos primeiros anos, a entidade conseguiu importantes obras de infraestrutura para o bairro, como a implantação de guias e sarjetas em algumas das vias. Mesmo com as ações, entretanto, a comunidade figurava no jornal municipal - até 2009, o único impresso de circulação na cidade era a Folha da Semana - apenas na página de boletins de ocorrência, ocupando pequenos espaços dedicados a registros de apreensão de drogas em suas imediações.



O retrato apresentado pela mídia sobre o local fez com que o Jardim Carolina se tornasse conhecido em Artur Nogueira como um ambiente hostil e precário. O esquema de tipificações criado pela imprensa sobre o bairro Jardim Carolina é um exemplo do impacto das representações sociais na sociedade. Os austro-americanos Peter Berger e Thomas Luckmann atribuíam um papel determinante, no contato social entre pessoas, aos esquemas tipificadores criados anteriormente. De acordo com os sociólogos, “a realidade social da vida cotidiana é apreendida num contínuo de tipificações, que vão se tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’ da situação face a face” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 52). O somatório dessas tipificações resulta, afinal, na estrutura social.

É através da violência, dentre outras diversas formas de representação social, que a maioria das comunidades é retratada na mídia. O tema é espetacularizado e superficializado de maneira a atrair a atenção (PENA, 2008). A abordagem sensacionalista é ainda mais preocupante nas cidades de interior, onde a publicidade é afunilada e a imprensa depende de verba pública.

As notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais, criam penalização no lugar de descontentamento e constituem-se num mecanismo reducionista que particulariza os fenômenos sociais. Em geral, o sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma (AMARAL, 2006, p. 21).

Como veremos no decorrer deste trabalho, boa parte destas características podem ser situadas na análise dos discursos feitos pela mídia nogueirense sobre o bairro Jardim Carolina e região.

Entre os teóricos que se dedicaram ao estudo da espetacularização e teatralização midiática se destaca o jornalista e sociólogo Muniz Sodré. Boa parte de seus anos de pesquisa se dedicou ao estudo do que ele chamou de *neogrotesco*. Como importante construtora de representações sociais, a mídia se reserva, segundo ele, a representar visões de realidade, análises sobre o real, traduzindo então uma imagem distorcida. É nesse contexto que se encaixa a definição de grotesco feita por Sodré (1992, p. 95): “O grotesco não se define apenas como um juízo estético que se pode fazer a propósito de um determinado objeto ou de um produto cultural, mas também como um estado crítico da consciência”.



Um exemplo prático é o retrato de um trabalhador que atua como gari em uma cidade como São Paulo. Após uma longa jornada de trabalho, que pode ter alcançado 12 horas seguidas, o trabalhador chega em sua casa e senta-se ao sofá. Pela manhã teve um acesso rápido às notícias através de um jornal popular da cidade. A página policial relata, em notas curtas, a ocorrência de assassinatos e assaltos nas proximidades de sua residência, na favela Heliópolis. O texto trata as ocorrências como uma característica inata da comunidade, algo rotineiro. Ao ligar a televisão durante a noite, o gari é apresentado a cenas e diálogos que apresentam a favela como um local hostil, separado e violento, tendo estas características de forma imutável, cabendo ao morador conviver com isso. Pior, a mídia transforma isso em espetáculo. Um produto para entreter os habitantes. Toda a apresentação social midiática é mostrada de forma a causar um conformismo social, uma ausência de crítica ao poder dominante e um sentimento de penalização, incapaz de provocar mudanças sociais – forte, entretanto, como apelo consumista.

No grotesco midiático, o leitor/ouvinte/telespectador é levado a “rir de sua própria desgraça”. A própria produção nos meios de comunicação de massa leva marcas do cotidiano popular de forma a conduzir o cidadão a seguir o fluxo social ditado na mídia (SODRÉ, 1992). “A espetacularização da vida toma o lugar das tradicionais formas de entretenimento” (PENA, 2008, p. 88). Em outras palavras, o grotesco é o espetáculo em si.

É na comunidade que a mídia encontra o ambiente ideal para a apresentação do grotesco. É nas camadas mais carentes da população que os meios de comunicação de massa criam as imagens da dona de casa barraqueira, do ladrão bêbado, do bandidão e da vítima da sociedade.

Nilson Lage, citado por Pena em sua obra *Teoria do Jornalismo*, atribui a difusão excessiva do espetacular a sua fácil recepção entre a população. “Tais modelos estão prontos; sua aceitação é garantida. Por isso, bastam alguns pontos em comum para que se funde um reconhecimento” (LAGE, 2001 apud PENA, 2008, p. 95).

A construção e imposição de representações sociais exerce um efeito ainda maior sobre as estruturas e imagens sociais quando analisada sob a ótica do poder da mídia. Atualmente no Brasil, nove famílias dominam cerca de 80% da imprensa nacional, entre elas estão o clã Marinho, das Organizações Globo, os Mesquita, donos de O Estado de S. Paulo, os Frias, maiorais da Folha de S. Paulo, e os sulistas Sirotsky, do Grupo RBS. Inúmeros especialistas na área de comunicação, especialmente



jornalistas, produziram artigos e pesquisas criticando o monopólio midiático no País, o que culminou na criação do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Mais importante do que entender o tamanho – e alcance – das teias midiáticas, entretanto, é compreender em que pontos elas contribuem para a formação de representações sociais.

O conceito de representações sociais é trabalhado por muitos acadêmicos da área de produção simbólica ou semiótica. Guareschi desenvolve a questão em seu livro “Mídia, Educação e Cidadania”, no qual estabelece que a melhor definição de sociedade seja a de que ela é “o conjunto das relações que se estabelecem entre seus membros. Relações que são extremamente dinâmicas, conflitivas, contraditórias” (GUARESCHI, 2005, p. 138). Entre as classificações dessas relações, para o acadêmico, estão a de conflito, a de dominação e a de colaboração. Como legitimadora das relações, estão as instituições. Aí entra a mídia, como aparelho ideológico com função central nas relações sociais.

Guareschi (2005) encontrou quatro funções exercidas pelos meios de comunicação no aspecto de influência na sociedade. Segundo o sociólogo, a mídia possui a capacidade de instituir a existência – ou não – de um fato ou lugar; impõe valor – ou não – a algo; cria o ambiente de conversas e discussões do cotidiano, além de dominar nossas relações com o outro. Através de artefatos como omissão, adjetivação, caracterização e simplificação, os meios cumprem estas funções com a meta de moldar as relações sociais. O objetivo final de tudo isto é o lucro.

Conforme veremos a seguir, as representações da mídia sobre o bairro Jardim Carolina envolvem a exposição de um lugar carente, sem estrutura e passível de ações governamentais; além de um lugar de participação política, este último em menor grau.

### **Estudo de caso**

No ano de 2012, Artur Nogueira vivia o clima político de mais uma eleição municipal. Na época, o então prefeito Marcelo Capelini, do PT, tentava emplacar a candidatura do seu secretário, Flávio Pereira, do PSL. Entre as suas principais promessas, na tentativa de agregar apoiadores para a chapa, estava a pavimentação de vários bairros no município. Entre eles, o Jardim Carolina. Em uma entrevista concedida ao Portal Nogueirense, no início do ano, Capelini inclusive colocava como prioridade o asfaltamento na comunidade.



A partir daí, a mídia local passou a demonstrar maior interesse na situação dos bairros e na cobertura das obras da pavimentação na cidade, realizadas entre agosto e novembro daquele ano. Assim que o projeto foi aprovado e as obras tiveram seu início, entre junho e julho, os dois portais de notícias online de Artur Nogueira estamparam o seguinte em suas manchetes:

**Nogueirense:** PAC: Prefeitura dá início às obras de pavimentação em Artur Nogueira

**CBA Notícias:** Ruas recebem asfalto em Artur Nogueira

Nas matérias, há até espaço para falas dos moradores, porém o foco é claramente a intervenção pública do governo. Como é possível observar em alguns dos trechos:

As obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2) foram iniciadas na última quinta-feira (28), no Jardim Carolina e Jardim Dona Leda, em Artur Nogueira. A ordem de serviço do programa foi dada na quarta-feira (27), pela Secretaria Municipal de Obras. “Como prometido, as obras serão iniciadas no Jardim Carolina. Hoje, já chegaram as tubulações para serem iniciadas as construções das galerias pluviais, que devem ser colocadas antes da pavimentação. Em paralelo, outros bairro também já iniciaram as obras”, afirma o prefeito Marcelo Capelini. (Portal Nogueirense, 29 de junho de 2012).

Os problemas sociais causados pela falta do asfalto são abreviados em poucas linhas, deixando clara a retratação do local como um espaço carente, sem estrutura, “salvo” pela intervenção pública. O ambiente de reprodução do *neogrotesco* (SODRÉ, 1992), onde resta lamentar o infortúnio que a vida proporciona ali. Outro exemplo:

**REIVINDICAÇÃO ANTIGA:** A falta de asfalto em algumas áreas do município é considerado um dos principais problemas da cidade, de acordo com os moradores, especialmente em alguns bairros periféricos do município. Entre os principais bairros beneficiados pela pavimentação estão Jardim Carolina, Parque Residencial Egídio Tagliari, Jardim Sacilotto, Jardim Arrivabene III e Jardim Santa Rosa. (CBA Notícias, 28 de junho de 2012).

O pouco espaço reservado para abordar a questão é incapaz de produzir qualquer tipo de descontentamento, como parece ser um dos objetivos da imprensa (AMARAL, 2006). Não somente nestas matérias, mas em anteriores e posteriores ao início da obra de pavimentação no bairro, é possível observar uma mídia descompromissada com os cidadãos. A imagem de local carente não é combatida, sendo, antes, reafirmada. Afinal, este é o espetáculo.

Os recursos da simplificação e da descaracterização da força popular nos locais passam longe da reportagem feita pelo Jornal Jardim Carolina sobre as obras de



pavimentação, em sua primeira edição, no mês de junho. A publicação reservou um espaço de duas páginas, além de trechos do editorial e da coluna de opinião, para o aprofundamento dos problemas advindos da falta de asfalto e incentivando a participação dos moradores na reivindicação de melhorias.



Fig. 1 – Capa da edição de junho de 2012 do impresso. Problema do asfalto recebeu destaque.

Com a aprovação do conselho editorial do jornal, a capa recebeu a chamada: “Moradores esperam asfalto”. A reportagem aborda questões como os problemas de saúde causados pela poeira das ruas não asfaltadas, a quantidade de lama em dias de chuva e, inclusive, denúncias de rejeição da prefeitura ao bairro:

Todos os dias centenas de habitantes do bairro Jardim Carolina saem às ruas para realizar suas atividades cotidianas. Seja para trabalhar, ir à escola ou, simplesmente, ir ao centro, estas pessoas encontram nestas saídas um empecilho comum: a difícil locomoção no bairro devido a falta de pavimentação. Ruas esburacadas, ausência de calçadas em diversos pontos, e excesso de lama compõem o cenário do local, deixando descontentes os moradores da região. A pavimentação está incluída na lista de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). [...] Segundos os mesmos, a falta de asfaltamento no bairro tem atrapalhado a rotina de quem mora no local. A dona de casa Maria Aparecida conta que alguns supermercados do Centro sequer entregam as compras no Jardim Carolina (Jornal Jardim Carolina, edição nº 1, junho de 2012).

Devido ao constante contato com a poeira e água das temporadas de chuva, pessoas que vivem em locais não asfaltados estão predispostas à contaminação de doenças (Jornal Jardim Carolina, edição nº 1, junho de 2012).



Em dias de chuva os problemas enfrentados aumentam. Com as ruas tomadas pelo barro, sair de casa é uma atividade quase impossível. As mães reclamam que nesta época, as escolas ficam inacessíveis. “Não dá pra levar as crianças na escola em tempo de chuva, pois as ruas ficam completamente inundadas; tenho medo de que elas reprovem por faltas”, protesta a mãe e dona de casa Marlene Cristina. Devido a estas disposições, alguns moradores cogitam sair do bairro. (Jornal Jardim Carolina, edição nº 1, junho de 2012).

Na página de opinião, o impresso destaca os problemas sociais do bairro, mas exalta a participação dos moradores na luta por mudança, colocando o Jardim Carolina como um espaço de voz social.

Falta medo de falar: O Jardim Carolina parece uma “réplica” de Artur Nogueira. Ali os principais problemas da cidade são reproduzidos. Como no restante do município, no lugar faltam: segurança, água, opções de lazer e, é claro, pavimentação. Contudo, após várias reportagens, e após observar atentamente a comunidade cheguei à conclusão de que há algo muito positivo no bairro, que deveria fazer parte dessa “mini réplica”, mas infelizmente não faz: “falta medo para falar”. (Jornal Jardim Carolina, edição nº 1, junho de 2012).

Além do asfalto, a primeira edição do impresso carolinense trouxe uma página inteira dedicada à falta de uma instituição de ensino no bairro. Sob os títulos “Bairro aguarda nova escola” e “População reclama instalação de creche”, a reportagem aprofunda o problema educacional e traz à tona o que precisa ser feito.

Estão quase findadas as obras da Escola Estadual Parque Itamaraty e Jardim Carolina. O colégio, que há muito tempo é aguardado pelos moradores, tem agora, aproximadamente, o prazo de 60 dias para a sua conclusão. A notícia animou mães e alunos que sofrem com a ausência de escolas na comunidade, e tem que ser locomover até os colégios dos bairros vizinhos para estudar. [...] Isentos de colégios no bairro, são obrigados a procurar estudos nas comunidades vizinhas como a Escola Estadual Prof. José Aparecido Munhoz, Escola Estadual Profª Magdalena Severino Grosso, EMEF Profª Aparecida Dias dos Santos e outras. (Jornal Jardim Carolina, edição nº 1, junho de 2012).

Para quem mora no Jardim Carolina ou imediações, há poucas alternativas de creche. Uma delas seria o prédio localizado no bairro Itamaraty. A creche Maria Piva Tagliari, localizada no bairro, está em situação de abandono há um ano [...] Em outros bairros vizinhos a situação também preocupa os moradores. (Jornal Jardim Carolina, edição nº 1, junho de 2012).

Enquanto isso, os outros dois portais da cidade pouco noticiaram o processo. Um ano antes, o Portal Nogueirense fez uma nota relatando o início das obras da construção da escola no bairro com o título “Nova escola estadual de Artur Nogueira tem obras iniciadas”. Em nenhum trecho da matéria há detalhes do problema da educação no Jardim Carolina ou qualquer indício do motivo da construção da instituição estadual. No CBA Notícias houve omissão total sobre o tema durante o período.



Em todos estes exemplos, o Jardim Carolina é retratado pela imprensa nogueirense online como um local precário, sem voz pública, dependente da “bondade” do poder público em tomar ações efetivas ali. A comunidade é descaracterizada e perde seu valor, o contrário do que é visto no jornal comunitário.

### **Projeto comunitário Jardim Carolina**

A necessidade de uma nova comunicação, mais humanitária e menos comercial, fez surgir o projeto comunitário Jornal Jardim Carolina. O impresso começou após uma parceria firmada, em maio de 2012, entre a Agência Brasileira de Jornalismo (ABJ), uma agência experimental do curso de Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), e a Associação de Moradores e Amigos do Parque Residencial Jardim Carolina (Amajc). Desde então, sete edições do jornal foram publicadas, alcançando uma tiragem total de sete mil exemplares.

Em junho de 2012, a comunidade lançou a primeira edição do jornal. Mensalmente, líderes do bairro e moradores em geral comparecem à reunião do conselho editorial, responsável por guiar a distribuição das pautas e o processo de produção destas, que é feito pelos habitantes em conjunto com um estudante de jornalismo do Unasp. Em geral, partes que exigem menos “tato” jornalístico como receitas, artigos de opinião e o editorial do impresso contam com a participação direta dos moradores no texto. Além dos problemas sociais, o jornal tem como missão também a divulgação da produção cultural da população carolinense, como demonstrado nos jornais seguintes de agosto e setembro, com programas como o Gindançaarte, com participação massiva de jovens do bairro, e o clube de Desbravadores, da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Laranjeiras, bairro vizinho e que também conta com presença de adolescentes do Carolina.



Fig. 2 – Reunião do conselho editorial para elaboração de pautas (Foto: Divulgação)



Com poucos recursos financeiros, a circulação de toda a tiragem do jornal – que custa entre R\$ 1.200 e R\$ 1.300 - depende de um esforço hercúleo da associação de moradores do bairro. A impressão só é viabilizada com o apoio de algumas empresas ligadas ao local e com o auxílio da prefeitura municipal, além, é claro, da parceria jornalística com a agência do Centro Universitário. Entre os meses de dezembro de 2012 e setembro de 2013, o impresso não circulou devido às questões financeiras. Apesar das dificuldades, o projeto segue em expansão e pretende, em breve, oferecer oficinas de crítica de mídia, produção de jornal impresso e radiojornalismo na escola estadual do bairro. Outro programa previsto é o de educomunicação, em parceria com o grêmio estudantil do colégio e com os alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I na instituição. A escola já cedeu o espaço para o uso do conselho do jornal. O objetivo é promover a “cultura da participação” como a ligação entre comunicação e cidadania (GALDINO; FUSER, 2012).

O processo de funcionamento do projeto segue a via jornalística da resistência à capitalização da notícia. Como definido por Pena (2008), jornalismo de resistência é o retorno da profissão a sua raiz social. E que cenário seria mais favorável a isso do que a comunidade? É uma das missões do jornalismo comunitário “desvendar as causas e consequências que justificam a condição da vida de uma determinada comunidade. O compromisso não é apenas factual, mas social” (PENA, 2008, p. 185). É na resistência que o Jornal Jardim Carolina encontra sua razão de ser.

### **Considerações finais**

Através de sua produção democrática e participativa, o Jornal Jardim Carolina expõe as máculas do jornalismo tradicional, não só o feito em Artur Nogueira como o de nível nacional e global. A colonização da mídia feita pelo capitalismo e pelas grandes empresas provou ser a pior inimiga da prática jornalística séria e preocupada com as causas da sociedade. O crime e a carência social de comunidades se tornaram palco para o espetáculo midiático, muito distante de um interesse na resolução dos problemas e mais preocupado com a quantidade de visualizações – e, conseqüentemente, lucros.

O estudo de caso proposto por este trabalho é apenas uma demonstração do quão longe a imprensa convencional está de desempenhar um papel educativo na sociedade e



atuar como um atalaia das necessidades sociais. Pior que isso, a mídia foi engolida pelo sistema que deveria fiscalizar.

O conceito de neogrotesco e a sua relação com as representações sociais midiáticas nos ajuda a entender a maneira como a imprensa lida com a comunidade, optando pela sensibilização dos fatos e a transformação daquilo em um material diferente, estranho à sociedade, causando uma reação de quem está do outro lado do papel/tela/rádio e o prendendo ao produto – leia-se informação – consumido. O único objetivo de toda essa criação simbólica é atrair consumidores e dinheiro.

É contra a multiplicação das representações sociais excludentes feitas pela mídia que trabalha o jornalismo comunitário. A comunidade, local da verdadeira comunicação, se apresenta como a solução para um meio dominado pelo comercial. Projetos como o do Jardim Carolina são importantes passos para o desenvolvimento da cidadania e para uma reinvenção da mídia.

### **Referências bibliográficas**

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GALDINO, Rodrigo; FUSER, Bruno. A experiência cidadã do Projeto Nossa Mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1713-1.pdf>>. Acesso em 18 out. 2013

GUARESCHI, Pedrinho e BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você precisa saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEDEIROS, D.C.V. Por que estudar comunidade é importante para compreender a comunicação?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012, p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1361-1.pdf>>. Acesso em 18 out. 2013

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, Muniz. **O social irradiado**: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.